

Novos Monumentos Megalíticos, no Concelho de Carregal do Sal, Viseu: Notícia Preliminar*

José Manuel Quintã VENTURA¹

1. Introdução

O fenómeno megalítico, nas Beiras, demonstra uma indubitável singularidade que lhe é reconhecida já desde os inícios do Séc. XX, no entanto, ao analisarmos este tema do megalitismo beirão, encontramos-nos perante grandes problemas de sistematização e uma imagem parcial e incompleta da ocupação megalítica original, limitando-se os nossos conhecimentos, na maioria dos casos, às colecções depositadas nos museus e às raras publicações referentes a escavações, na maioria dos casos, antigas. Só a partir dos anos 60, com esporádicas tentativas nos finais dos anos 50, se tenta iniciar um processo sistemático, através da acção dinamizadora de arqueólogos como Vera Leisner, João de Castro Nunes e Leonel Ribeiro, mas será só nos anos 80 que se iniciaram de forma mais dinâmica os trabalhos de investigação com o surgimento do *Programa de Estudo Arqueológico da Bacia do Médio e Alto Mondego (PEABMAM)*, de que resultaram as primeiras sínteses regionais em 1989 (SENNA-MARTINEZ, 1989a. e b.).

Para se desenvolver um projecto é necessário antes de tudo investir na prospecção, inventariação e cartografia de monumentos. Este levantamento irá conduzir a um melhor conhecimento dos ainda existentes, quer em número, quer na sua distribuição espacial, relação com a topografia e possível tendência de nuclearização. A outra vertente corresponderá à escavação, que não só deverá atender a aspectos estruturais e artefactuais,

* Comunicação apresentada às *1 Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 1991. O presente texto segue, com algumas alterações, o então produzido.

¹ Licenciado em História e História, Variante de Arqueologia pela F.L.L., Investigador do *PEABMAM*. Rua Carlos Pereira, 3, r/c Esqº, 1500 LISBOA, Portugal.

mas também à recuperação de possíveis informações da área envolvente, de recuperação de paleo-ambientes, etc.

É nesse sentido que este estudo se insere, já que não surge só como um projecto de carta arqueológica, pretendendo-se mais do que isso, ou seja, estudar uma série de monumentos/sítios recentemente reconhecidos e tentar, dentro das condicionantes do próprio objecto de estudo, caracterizar e integrar estes novos sítios ao nível da cultura material, tendo como referência inicial os estudos, já publicados, sobre estações congêneres na mesma área.

Assim é de fundamental importância a definição de possíveis espaços operacionais (ou áreas de influência) de cada monumento ou necrópole, ao que se associa a questão de conceptualizar numa perspectiva regional o Megalitismo e correspondentes formas que aí assumem o Neolítico e Calcolítico.

Assim, apresentamos aqui os resultados das prospecções efectuadas, no concelho de Carregal do Sal, distrito de Viseu, realizadas no âmbito do *PEABMAM*, actividades estas decorrendo desde o verão de 1985. Na sequência destas prospecções foram identificados diversos sítios arqueológicos, alguns dos quais foram já objecto de intervenções arqueológicas (cf. SENNA-MARTINEZ, 1989a. e b.), realizados, sob a coordenação do Senhor Professor Doutor João Carlos de Senna-Martinez, a quem agradecemos o apoio prestado e o conselho sempre amigo. Uma palavra de apreço para Horácio Peixoto, pelo seu apoio neste projecto e às Dras. Luísa Portela e Teresa Graça, a quem agradecemos a colaboração no trabalho de campo.

1.1 Definição da área de estudo

A área geográfica sobre a qual se debruça a nossa análise é parte do planalto correspondente ao interflúvio dos rios Mondego e Dão, delimitado a nor-noroeste pela ribeira de Beijós ou da Aguieira e a nordeste pela ribeira das Caldas.

Esta área abrange parte dos concelhos de Santa Comba Dão, Carregal do Sal e Nelas. Encontramo-nos, ao nível geológico, em plena mancha dos granitos hercínicos, representados neste espaço, pela sua série mais jovem (FERREIRA, 1978, pp 21-23), ainda que esporadicamente, estes sejam, atravessados por filões quartzosos. Os depósitos quaternários de cobertura, são formados por argilas e arcoses diversas (TEIXEIRA, 1961:8-9).

Quanto a solos, dominam os cambissolos húmicos, (cf. "Carta dos Solos", *Atlas do Ambiente*, II.1, 1978), geralmente pouco profundos e extremamente ácidos variando o Ph entre 4.5 e 4.6, formando algumas manchas de solos de "Classe A", entremeadas por manchas de "Classe C e F", de capacidade agrícola reduzida (com limitações moderadas ou acentuadas) ou apenas florestal (cf. "Carta de Capacidade de Uso do Solo, *Atlas do Ambiente*, III.3, 1978), com alguma horticultura e cultivo de milho e da oliveira em socacos ou nas baixas aluviais, ocupando a vinha algumas das vertentes e parte dos interflúvios entre os cursos de água principais.

Contudo, importa referir que, o carácter fortemente trabalhado dos solos mais ricos e a grande transformação, provavelmente pós-medieval, da paisagem, com acentuada desflorestação das encostas e preenchimento do fundo dos vales, obriga-nos a grande prudência na possível transferência dos dados actuais para possível utilização no período que aqui nos importa.

Quanto à cobertura vegetal, os dados disponibilizados por Jansen (JANSEN, 1981 e DAVEAU, 1985), apontariam fundamentalmente para um revestimento constituído por carvalhos (*Quercus pyrenaica Willd.*), azinheiras (*Quercus rotundifolia Lam.*), o teixo (*Taxus baccata L.*) e de alguns raros pinheiros bravos (*Pinus pinaster Ait.*).

O coberto actual por pinheiro encontra-se em vias de substituição por eucaliptos. Aliás, foi exactamente durante o plantio de eucaliptais que grande parte dos sítios arqueológicos anteriormente cobertos foram detectados por via dos revolvimentos de solos pelas máquinas utilizadas.

2. Sítios

Para a descrição dos diversos sítios arqueológicos, optou-se por proceder primeiro a uma descrição normalizada, indicando nome, freguesia, topónimo e as coordenadas hectométricas Gauss, a partir dos dados da *Carta Militar de Portugal*, à escala 1/25000. Seguidamente, descreve-se o sítio, incluindo-se nessa descrição as possíveis estruturas existentes e materiais associados. Para fins de normalização e de comparação com materiais já tratados e publicados, optou-se por utilizar, na análise dos materiais inéditos e para esclarecer possíveis afinidades, a tipologia de cerâmica apresentada por Senna-Martinez (SENNA-MARTINEZ, 1989a., pp.221-443).

1- Orca de Valongo (Est.I)

Freguesia: Sobral de Papízios

Sítio: Valongo

Coordenadas hectométricas GAUSS: 209.812/386.875

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 210

Cota de topo: 274

Pequena mamoa, inédita, situada no topo da vertente nor-noroeste do vale da ribeira de Cabanas, 1250 m a sudeste da povoação de Sobral de Papízios, localiza-se a 625 metros a sudoeste da Orca de Travanca. Com um diâmetro de cerca de 12 metros e altura máxima de 1.5 metros, com uma fossa de violação central, não foram detectados indícios de esteios nem de quaisquer artefactos.

2- Orca de Travanca (Est.I)

Freguesia: Sobral de Papízios

Sítio: Quinta da Orca

Coordenadas hectométricas GAUSS: 210.250/387.375

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 210

Cota de topo: 296

Partindo de uma informação de Horácio Peixoto, procedeu-se, em Abril de 1990, ao reconhecimento deste sítio arqueológico a que não conhecemos qualquer anterior referência. Efectuaram-se, então, diversas recolhas de superfície que confirmaram tratar-se de os restos de um monumento megalítico, destruído recentemente devido ao plantio de um eucaliptal. Situa-se numa rechã junto à vertente sul-sudeste da ribeira do Sobral, 1325 m a este da povoação de Sobral de Papízios.

Foram individualizados 4 *locus* de onde foram recolhidos materiais arqueológicos, nomeadamente o 1, que se situa na área onde se localizaria o provável centro do monumento; o 2 a cerca de 10 metros para nordeste do *locus* 1; o 3 a cerca de 12 metros a este e o 4 a 5 metros para sul, do outro lado do caminho florestal. Consideramos que estes *locus* correspondem a aglomerações de materiais provocadas pela operação da máquina agrícola que preparou o terreno para o plantio de eucalipto. A grande maioria dos materiais são provenientes do *locus* 1.

Do espólio recuperado, salientamos a presença de quatro utensílios em pedra polida, todos provenientes do *locus* 1, nomeadamente dois martelos em anfibolite, de secção sub-retangular, com marcas de impactos na zona de trabalho (cf. Est.VI, 1 e 2 [1/90 e 2/90]), um fragmento de gume de um machado, de secção sub-retangular (Est.VI, 3 [32/90]) e os restos de um machado ou enxó, com o gume parcialmente quebrado, de secção sub-elíptica. Ao nível de pedra lascada, para além de 4 possíveis restos de talhe em quartzo leitoso, salientamos a presença de fragmentos de 2 pontas de projectil em sílex, provenientes do *locus* 1, um destes, consiste no fragmento proximal de uma ponta de seta, de base recta, de retoque bifacial, total e rasante, sendo a sua secção transversal biconvexa (cf. Est.V, 2,[62/90]), a peça 3 [63/90], é a parte distal de uma ponta de projectil, de retoque bifacial, total, rasante e sub-paralelo. Foram recolhidos: um fragmento proximal de uma "foice de encabamento lateral" em calcário silicificado (Est.V, 4 [61/90]), um fragmento proximal de uma pequena lâmina em quartzo hialino e uma lasca em sílex retocada (cf. Est.VI, 5 e 6 [64/90 e 65/90]).

Outro utensílio recuperado, consiste, no que à primeira vista parecia ser um núcleo numa formação de quartzo hialino, mas depois de observado com mais cuidado, revelou ter marcas de uso e retoques intencionais na sua extremidade distal, criando-se assim um gume cortante. Pensamos que esta peça (Est.V, 1 [31/90]) consiste naquilo que foi definido por Senna-Martinez (SENNA-MARTINEZ, 1989a., p.527-28), como um *utensílio de aresta diédrica* (UAD), que teria funções que se situariam entre os buris e os raspadores carenados. A morfologia da peça de ORTRA, parece indicar uma função mais próxima das dos raspadores, principalmente para tarefas pesadas, onde a dureza do quartzo seria mais viável do que o sílex.

No capítulo da olaria, foram recolhidos no conjunto dos *locus* 1 a 3 um total de 119 fragmentos de cerâmica manual, dos quais 36 são bordos, 1 pega mamilar e 1 bojo com carena. No *locus* 4, foram recolhidos 7 fragmentos de olaria manual, dos quais 3 eram bordos e 1 uma base plana.

Das peças indicadas, apenas 14, do *locus* 1 (36.8% da amostra), permitiram reconstituição de formas, a saber:

- No que respeita a taças estão representadas diversas variantes, tais como a variedade de bordo invertido nas suas variantes (Formas 2.1 e 2.2 de Senna-Martinez - Est.II, ORTRA 11/90 e 53/90); a variante de taça hemi-elipsoidal com bordo normal ou espessado internamente (formas 2.3 e 2.4 de Senna-Martinez - Est.II, 4 e 6 [7/90 e 9/90]);
- As taças carenadas (Forma 3 de Senna-Martinez) estão representadas por um exemplar de perfil baixo (índice de profundidade [altura máxima/diâmetro máximo x 100] de 23) com carena na 1ª metade da altura (Est.II, 9 [18/90]);
- As tigelas (Forma 4 de Senna-Martinez) também se encontram representadas por alguns exemplares, ainda que o grau de fragmentação não permita a completa inserção em formas específicas (Est.II, 2, 3 e 7 [10/90, 38/90 e 59/90] e Est.III, 6 [56/90]);

- A peça 3 [12/90] (Est.IV), parece enquadrar-se na Forma 9, de Senna-Martinez, forma hemi-elipsoidal com bordo horizontal reentrante, que também normalmente apresenta orifícios de suspensão subcutâneos (SENNA-MARTINEZ, 1989b, pp.341), o que o carácter diminuto do fragmento da peça de ORTRA não permite confirmar.

- Um conjunto de três peças (Est.IV) destaca-se das restantes, não só pela forma, mas também no caso de duas delas pela qualidade das pastas que, ao contrário das restantes, não contêm elementos não-plásticos grosseiros (quartzos e feldspatos), apresentando as superfícies bem tratadas e alisadas (Est.IV, 2 e 1 [6+22/90 e 23/90]). As formas destas três peças repartem-se por outros tantos grupos: a peça 1 é um prato de bordo ligeiramente espessado internamente com o que parece ser uma carena esbatida no seu 1º terço, abaixo do bordo, é uma forma não abrangida pela tipologia de Senna-Martinez. A peça 4 [5/90] insere-se na Forma 29 do Bronze Pleno de Senna-Martinez e, aliás, não é desconhecida de contextos tardios em monumentos megalíticos (SENNA-MARTINEZ, GARCIA & ROSA., 1984.) e por fim a peça 2 [6+22/90] também encontra afinidades nessa mesma inserção cronológico-cultural, já que se configura como uma das variantes dos Vasos Tronco-Cónicos Invertidos (Forma 26 de Senna-Martinez).

Do conjunto dos materiais cerâmicos pensamos ser de salientar a presença de recipientes que se configuram como pertencentes a deposições tardias, atribuíveis ao Bronze Pleno (cf. SENNA-MARTINEZ, GARCIA & ROSA, 1984. e SENNA-MARTINEZ, 1989b.), conjuntamente com outros com um espectro de utilização mais amplo, passíveis de se integrarem nos momentos neo-calcolíticos regionais.

3- Orca do Tisco (Est.I)

Freguesia: Sobral de Papízios

Sítio: Santo Tisco

Coordenadas hectométricas GAUSS: 211.125/387.937

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 210

Cota de topo: 306

Monumento megalítico, inédito², composto ao que parece, por restos de uma câmara, com 4 esteios visíveis no quadrante leste, e, por restos de um pequeno corredor, com 0.6 metros a descoberto e no qual são visíveis 2 esteios e uma possível tampa derrubada. Encontra-se envolto numa pequena mamoa com cerca de 8 metros de diâmetro. Situa-se no topo do planalto, junto à vertente sul-sudeste da ribeira do Sobral, 550 m a oeste da povoação de Travanca.

Foram detectados em dois esteios da câmara, restos de pinturas a vermelho, uma representando um soliforme e outra um mero traço. Foi possível recolher à superfície das terras soltas do interior da câmara uma ponta de seta em quartzo leitoso, de retoque bifacial, cobridor, rasante e escamoso em ambas as faces, de base triangular com aletas.

² O monumento foi sujeito a uma primeira campanha de escavação em 1992 (cf. SENNA-MARTINEZ & VENTURA, no prelo e.).

4- Orca 1 de Cabanas (Est.I)

Freguesia: Cabanas de Viriato

Sítio: Bairro do Gargulão

Coordenadas hectométricas GAUSS: 215.500/386.125

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 199

Cota de topo: 285

Monumento megalítico inédito, parcialmente destruído, constituído por uma mamoa com um diâmetro aproximado de 15 metros por 1 metro de altura com fossa de violação na zona central e alongando-se pelo corredor (?), sendo possível ainda detectar restos de ortóstatos/lages de cobertura sobre a superfície da mamoa e no interior da fossa. Parte da mamoa, no seu quadrante oeste foi amputada durante a construção da estrada que liga Beijós a Sobral de Papízios e um poste de electricidade foi implantado no quadrante leste da mamoa. Foram recolhidos alguns materiais, nomeadamente fragmentos cerâmicos e restos de percutores. Situa-se na vertente sul da ribeira de Beijós, 125 m a sul do bairro do Gargulão.

5- Orca 2 de Cabanas (Est.I)

Freguesia: Cabanas de Viriato

Sítio: Campo de Futebol da Póvoa da Pégada

Coordenadas hectométricas GAUSS: 215.625/391.350

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 199

Cota de topo: 350

Restos de mamoa inédita, em grande parte destruída pelas obras de terraplanagem, para a construção do campo de futebol da Póvoa da Pégada, restando actualmente poucos indícios da estrutura tumular, encontrando-se dispersos os elementos pétreos, que constituíam os anéis da mamoa. Devido aos profundos revolvimentos do local, não foi possível recuperar senão alguns fragmentos de cerâmica manual incaracterísticos. Situa-se numa rechã, na vertente sul da ribeira de Beijós, 750m a norte da ermida da S^a dos Milagres.

6- Orca 1 de Oliveira do Conde (Est.I)

Freguesia: Oliveira do Conde

Sítio: Orca

Coordenadas hectométricas GAUSS: 215.500/386.125

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 285

Cota de topo: 299

Orca com câmara poligonal, com cerca de 2.5 metros de diâmetro e corredor alongado (com cerca de 5m) incorporada numa palheira e utilizada como tal até à década de 60. A estrutura básica do monumento sofreu diversas modificações devido as suas novas funções, nomeadamente, a alteração do percurso do corredor, com a eliminação dos esteios do lado esquerdo, que foram utilizados como elementos de construção. Esta orca encontrava-se já referenciada por I. Moita (cf. MOITA, 1966., pp.261). Situa-se numa rechã, na vertente leste da ribeira da Azenha, 1600m a leste da povoação de Oliveira do Conde e a 1025m oeste, em linha recta, da Orca dos Fiais da Telha.

7- Orca 2 de Oliveira do Conde (Est.I)

Freguesia: Oliveira do Conde

Sítio: Orca

Coordenadas hectométricas GAUSS: 215.750/386.500

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 199

Cota de topo: 305

Mamoia inédita, situada a 375 m nordeste da Orca 1 de Oliveira do Conde, no topo da vertente sul da ribeira da Azenha, constituída por uma mamoa com 20 metros de diâmetro e 2 metros de altura, com profunda fossa de violação na área a que corresponderia a câmara e o corredor, com cerca de 5 metros de diâmetro. Não se detectaram vestígios de esteios ou de qualquer material arqueológico.

8- Orca 1 do Ameal (Est.I)

Freguesia: Oliveira do Conde

Sítio: Ameal

Coordenadas hectométricas GAUSS: 216.125/386.050

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 211

Cota de topo: 315

Monumento de câmara poligonal simples, referenciada pela primeira vez por Senna-Martinez (SENNA-MARTINEZ, no prelo a.), aberta e sem corredor, com um grande esteio de cabeceira e três outros imbricados no quadrante sul e quatro no lado norte, a câmara encontra-se orientada a leste.

Esta estrutura encontra-se inserida num *tumulus*, de forma elíptica, atingindo actualmente uma altura de 1m, constituído por um contraforte interior, rodeado por dois anéis concêntricos: um exterior lítico, separado do contraforte interior por um anel de terras.

O monumento foi alvo de intervenções em 1989 e 1991 (VENTURA, no prelo a. e b.). Situa-se no topo do interflúvio entre o Mondego, a sul, e a ribeira da Azenha, a noroeste.

Quanto ao espólio, não obstante remeximentos, apontam para um momento arcaico, dentro do megalitismo regional, para a erecção deste monumento, já que a presença significativa de geométricos sobre lâmina, dentro da proporção dos artefactos recolhidos (VENTURA, no prelo a. e b.), parecem apontar, pelo menos em parte, para contextos similares aos encontrados nos níveis de base dos monumentos 1, 2 e 3 da necrópole do Carapito (LEISNER & RIBEIRO, 1968) e da Orca de Pramelas (SENNA-MARTINEZ & VALERA, 1989). Assim e com todas as ressalvas possíveis, não seria inválido apontar, para a inserção deste sítio, uma etapa coeva da apontada para o monumento de Pramelas.

9- Orca 2 do Ameal (Est.I)

Freguesia: Oliveira do Conde

Sítio: Ameal

Coordenadas hectométricas GAUSS: 216.075/385.9

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 211

Cota de topo: 320

Mamoas³, referenciada pela primeira vez por Senna-Martinez (SENNA-MARTINEZ, 1989a., e no prelo a. e b.), com um diâmetro médio de 10m, apresentando uma fossa de violação, com 1.5 metros de diâmetro, no seu centro, sendo visível à superfície os restos de um ortóstato. Durante a limpeza de superfície foram recolhidas alguns detritos de talhe em sílex e quartzo. Situa-se a 75 m para sul-sudoeste da Orca 1 do Ameal.

10- Orca dos Fiais da Telha (Est.I)

Freguesia: Oliveira do Conde

Sítio: Orca

Coordenadas hectométricas GAUSS: 216.500/386.050

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 211

Cota de topo: 302

Grande dólmen de câmara poligonal e corredor longo, envolto numa mamoa com cerca de 20 m de diâmetro. Foi intervencionado nos verões de 1986 a 1988 (cf. SENNA-MARTINEZ, VENTURA & DELGADO, 1987. e SENNA-MARTINEZ, 1989a.). Situa-se a cerca de 1000 metros em linha recta a sudeste da povoação que lhe dá o nome.

A câmara é composta por 9 esteios, localizando-se 3 na cabeceira, com um largo central e dois secundários, Os restantes esteios da câmara encontram-se imbricados, três em cada quadrante. O corredor, longo, é composto por 15 ortóstatos numa formula de 7 esteios no quadrante norte e 8 no quadrante sul. O monumento possui ainda 4 lages de cobertura, uma correspondente ao "chapéu" da câmara, outra a uma lage colocada em diagonal no topo da "antecâmara", à forma de "pedra de guilhotina", e as restantes duas correspondem à primeira e terceira tampas do corredor, respectivamente.

Esta estrutura, encontra-se inserida num *tumulus* de forma elíptica, constituída por uma estrutura pétreia, dispendo-se em plano inclinado, que encosta ao anel de contrafortagem interior da câmara e corredor. Sobre esta realidade, assenta uma camada de enchimento constituída por uma matriz de terras misturada com pedras de médias e pequenas dimensões, sobre a qual ainda se detectaram vestígios de uma carapaça lítica de cobertura.

Apesar de o monumento ter sido alvo de diversas violações ao longo da sua existência, o estudo dos materiais (SENNA-MARTINEZ, 1989a., pp.388-411) permitiu diferenciar três grandes momentos de deposição para estes: O primeiro, apenas indiciado por algumas das componentes artefactuais recolhidas, inserir-se-ia na continuidade da etapa inicial do megalitismo regional, tal como é evidenciada pelo monumento vizinho do Ameal 1; o segundo corresponderia à principal etapa de desenvolvimento e apogeu do megalitismo regional, com materiais cerâmicos e outros artefactos, que se inseririam num longo espectro de utilização, ocupando grande parte do quinto milénio BP, numa filiação neo-calcolítica (SENNA-MARTINEZ, 1989a., pp.388-411); o terceiro momento associar-se-ia à deposição de materiais na entrada do corredor e/ou num possível átrio fronteiro a este, que possivelmente teria ocorrido em momentos mais tardios, já dentro do 2º milénio a.C. (SENNA-MARTINEZ, 1989a., pp.388-411).

11- Orca do Santo (Est.I)

Freguesia: Oliveira do Conde

³ Este monumento foi alvo de uma primeira campanha de escavação, pelo autor, no Verão de 1992.

Sítio: Santo

Coordenadas hectométricas GAUSS: 216.800/386.700

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 211

Cota de topo: 319

Mamoia inédita, bastante destruída, apresentando actualmente duas enormes fossas de violação no seu interior. O grau de destruição não permitiu, à Dr^a Teresa Graça que efectuou o respectivo levantamento topográfico, estabelecer com precisão os limites da mamoia, mas apenas que, actualmente, a altura máxima da mesma atinge os 0.5 m. Também não se detectaram restos de esteios ou lages de cobertura. Situa-se a 825m em linha recta para Nordeste da Orca dos Fiais.

12- Orca do Outeiro do Rato (Est.I)

Freguesia: Oliveira do Conde

Sítio: Lages

Coordenadas hectométricas GAUSS: 217.625/388.275

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000: 211

Cota de topo: 319

Dólmen de possível câmara poligonal e corredor longo, bastante danificado, situado cerca de 1000m a sudoeste da povoação da Lapa do Lobo, já em terrenos, actualmente, da freguesia de Oliveira do Conde. Tudo parece indicar que ao nível arquitectónico, a câmara era constituída por nove esteios segundo o padrão de três na cabeceira, dos quais resta a base do largo esteio central de cabeceira e um dos laterais, e três esteios imbricados em cada quadrante da câmara.

O corredor longo é composto por 9 esteios no quadrante norte e outros tantos no quadrante sul, com um esteio central de apoio extra junto à antecâmara. Somente uma das lages de cobertura se encontra *in situ* possivelmente correspondente à terceira a contar da entrada do corredor. Foi ainda detectado um possível pequeno menhir na transição entre a câmara e corredor. Estas estruturas inseriam-se numa grande mamoia elipsoide, constituído por um anel interior de contrafortagem dispondo-se em plano inclinado, que encosta aos esteios da câmara e corredor. Um outro anel pétreo externo sustém o *tumulus* constituído além do contraforte por diversos enchimentos em terra e pedras que preenchem o espaço entre os dois. Do anel exterior partia uma carapaça lítica de cobertura da mamoia que se encontra muito destruída. Foi ainda detectado na zona frontal do monumento na continuação do corredor e do anel pétreo de fecho do mesmo, um átrio constituído por um empedrado (SENNA-MARTINEZ, 1989a: 80-81).

O sítio foi intervencionado nos Verões de 1986 a 1988 (cf. SENNA-MARTINEZ & AMARO, 1987a e SENNA-MARTINEZ, 1989a) e apesar dos profundos remeximentos foi possível detectar *in situ* no fecho do corredor e átrio contíguo importantes deposições atribuídas pelos escavadores a um momento do Bronze inicial, na qual se incluiria uma componente artefactual com recipientes de filiação campaniforme (cf. SENNA-MARTINEZ & AMARO, 1987b e SENNA-MARTINEZ, 1989a.), enquanto que o restante espólio do monumento se inseriria em momentos neo-calcolíticos, à semelhança do espólio recuperado na Orca dos Fiais da Telha.

3. Conclusão

Os trabalhos de investigação que sobre o megalitismo se têm levado a cabo nestes últimos anos demonstraram que não se está perante um só fenómeno complexo, mas antes perante vários fenómenos com características bem regionalizadas (cf. JORGE, 1987, 1990; SENNA-MARTINEZ, no prelo d. e SILVA, 1989), o que, no entanto, não poderá ser unicamente compreendido na sua perspectiva elementar da monumentalidade que este tipo de monumentos apresentam. Alguns estudos recentes têm procurado uma abordagem que vai desde a integração dos espólios, aos vectores de distribuição espacial e geomorfológica (cf. SILVA, 1989 e JORGE, 1989), tentando-se desta maneira destrinçar as relações dos monumentos com o meio ambiente e que perspectiva apresentariam para as comunidades construtoras e/ou utilizadoras, devido ao longo espectro de ocupação que este tipo de sítios de pendor funerário/ritual apresentam.

Assim, é de destacar qualquer associação espacial de proximidade entre os núcleos megalíticos e os possíveis povoados/habitats dos construtores/utilizadores potenciais, tentando-se a partir daí a elaboração de modelos sócio-económicos e mentais (pelo menos numa perspectiva de atitudes perante a morte), já que uma análise centrada exclusivamente nos aspectos de tipo morfológicos de cada monumento e nos espólios funerários, quando existentes, apresenta-se como demasiado simplista, face à complexidade interactiva das acções de que os megálitos são apenas a parte discernível, ainda que a melhor conservada no registo arqueológico.

Pela mesma razão o estudo não se deve limitar numa focalização imediata e imediatista num só dado monumento, construindo assim *Axis mundi* artificiais cuja transposição para a realidade a estudar pode não corresponder senão a pseudo realidades, tal como a limitação artificial a um espaço único, não corresponderá efectivamente ao espaço funcional das comunidades analisadas.

É dentro de esta perspectiva que se tem vindo a levar a cabo todo um trabalho de investigação, na área geográfica, do qual o concelho de Carregal do Sal, constituiu uma parcela (cf. SENNA-MARTINEZ, GUERRA & FABIÃO, no prelo) o qual apesar de ainda se encontrar na sua infância permitiu já a descoberta e o estudo de alguns sítios que nos permitem esboçar linhas de força na evolução da ocupação do espaço (cf. SENNA-MARTINEZ, 1989a; 1989b; no prelo c. e d.).

Assim, devido às características desta comunicação não vamos desenvolver aqui grandes modelos explicativos, já que elementos novos em relação a outras propostas recentes (SENNA-MARTINEZ, 1989b e no prelo c. e d.) são ainda bastante fragmentários e insuficientes, mas será de realçar, antes de mais, a detecção de dois núcleos megalíticos, um designado **Núcleo Megalítico de Travanca** e o outro de **Núcleo Megalítico dos Fiais/Ameal** que procuraram na sua implantação, locais facilmente referenciáveis na paisagem, "dominando" ou melhor ainda, constituindo pólos aglutinadores e de referência geográfica, em zonas que são ainda actualmente vias tradicionais de acesso e passagem.

Um dos núcleos acompanharia o importante vale do rio Dão, onde se localizam actualmente solos de elevada aptidão agrícola (é necessário não esquecer que alguns destes solos poderão corresponder a processos transformadores pós-medievais). Dentro do espaço operacional deste núcleo vamos encontrar três possíveis sítios de habitat (SENNA-MARTINEZ, no prelo c. e d.), Pedra Aguda, Valongo e Barrocas, configurando-se estes, a julgar pelos dados resultantes das prospecções realizadas pelas equipas do

PEABMAM, como integráveis num dos *facies* do calcolítico regional, tal como se encontra definido pelos habitats do Ameal-VI, Murganho 2 e Quinta Nova (SENNA-MARTINEZ, no prelo d.).

Não querendo sobrevalorizar as pinturas da Orca de Santo Tisco, quer-nos parecer que o motivo solar pintado a vermelho, que ornamenta o segundo esteio do lado norte da câmara (E.3) tem um paralelo imediato nos sóis gravados que ornamentam o esteio I do Dólmen 1 do Carapito (LEISNER & RIBEIRO, 1968: Abb. 6 e 9), inserindo-se possivelmente numa fase antiga do megalitismo regional. Tal não implica que a sua utilização como pólo simbólico aglutinador das comunidades que o utilizavam aí termine.

Nesta área será de não esquecer que a vizinha Orca de Travanca teria tido uma utilização que se prolongaria, com os dados existentes, para momentos ainda mais recentes, já bem dentro do quarto milénio BP.

Por outro lado o outro núcleo localizar-se-ia em posição similar junto ao Rio Mondego, compartilhando um domínio da paisagem similar. Também aqui temos a associação habitat-necrópoles, ainda que o habitat também seja apenas contemporâneo de algumas das fases de utilização dos grandes monumentos de corredor, nomeadamente do dos Fiais da Telha (SENNA-MARTINEZ, 1989a e no prelo b. e d.). Este momento calcolítico teria sido antecedido, por uma fase de implantação das primeiras necrópoles megalíticas na região em estudo, com o surgimento de monumentos culturalmente afins aos momentos iniciais dos monumentos 1, 2 e 3 do Carapito e ao de Pramelas, referimo-nos à Orca 1 do Ameal (VENTURA, no prelo a), que se configura como o de maior antiguidade deste núcleo. De notar que também nesta área regional se detecta, desde muito cedo, um polimorfismo de soluções arquitectónicas semelhante às detectadas para outras regiões (cf. JORGE, 1990 e CRUZ, 1988).

BIBLIOGRAFIA:

- AAVV. 1982. "Carta de capacidade de uso dos solos (III-3)" in: *Atlas do Ambiente*, 1:100000, CNA, Lisboa.
- BUENO RAMIREZ, P. 1987. "Megalitismo en Estremadura: estado de la cuestion", in: *El Megalitismo en la Península Ibérica*, Madrid, Ministerio de Cultura, pp.73-84.
- CRUZ, D. J. da 1988. "O Megalitismo do norte de Portugal" in: *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Porto, pp.15-65.
- CRUZ, D. J. da & VILAÇA, R. 1990a. Trabalhos de Escavação e restauro no Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Dist. da Guarda) resultados preliminares, *Trab. Inst. Antrop.*, N° 45, Porto.
- CRUZ, D. J. da & VILAÇA, R. 1990b. *A Casa da Orca da Cunha-Baixa (Mangualde)*, Câmara Municipal de Mangualde.
- DELIBES DE CASTRO, G. & SANTONJA, M. 1986a. *El fenómeno megalítico en la Provincia de Salamanca*, Ediciones de la Diputación de Salamanca, serie Prehistoria & Arqueologia 1, Salamanca.
- DELIBES DE CASTRO, G. & SANTONJA, M. 1986b. "Aspectos generales del fenómeno megalítico de la Submeseta norte", in: *Actas de la Mesa Redonda sobre o Megalitismo Peninsular*, AEAA & DGBA, Madrid, pp.145-163.
- FERREIRA, A. Brum 1978. *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira*, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4, Lisboa.
- JANSSEN, C.R. & WOLDRINGH, R.E. 1981. "A preliminary radiocarbon dated pollen sequence from Serra da Estrela, Portugal", in: *Finisterra*, XVII, 32, pp.299-309.
- JORGE, S.O. 1990. "A consolidação do Sistema Agro-Pastoril", in: *Nova História de Portugal.1.Portugal das origens à romanização*, Ed. Presença, Lisboa, pp.102-162.

JORGE, V. O. 1987. "Megalitismo de Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): conhecimentos actuais e linhas de pesquisa a desenvolver" in: *El Megalitismo en la Península Ibérica*, Ministerio de Cultura, Madrid, pp. 111-125.

JORGE, V.O. 1986a. "«Monumentalização» e «Necropolização» no megalitismo europeu", in: *Trab. Antrop. e Etnol.*, XXVI (1-4), Porto, pp.233-237.

JORGE, V.O. 1989. "Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais", in: *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol.VI, Porto, pp.365-443.

JORGE, V.O. 1990. "Progressos da investigação pré-histórica no norte de Portugal nos últimos doze anos: O exemplo da Serra da Aboboreira e do seu megalitismo" in: *Actas do I Colóquio "Arqueologia Hoje"*, Faro, pp.14-37.

KALB, P. 1987. "Monumentos megalíticos entre Tejo e Douro" in: *El Megalitismo en la Península Ibérica*, Ministerio de Cultura, Madrid, pp. 95-109.

LEISNER, V. & RIBEIRO, L. 1968. "Die Dolmen von Carapito" in: *Madridrer Mitteilungen*, 9, Madrid, pp. 11- -62.

MOITA, I. 1966. "Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta" in: *Ethnos*, V, Lisboa, pp.189-297.

SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989a. *Pré-História recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições, para um modelo sócio cultural*, Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, F.L.Lisboa, 3 Vol. policopiado.

SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989b. "O Megalitismo da Bacia do Médio e Alto Mondego: uma primeira proposta de faseamento" in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 83-97.

SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo a. "O povoamento calcolítico da bacia do Médio e Alto Mondego: algumas reflexões" in: *Origens, estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península Ibérica*, 1^{as} Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras, 3-5 de Abril de 1987.

SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo b. "O sítio de habitat do Ameal-VI, alguns resultados das campanhas 1(1987) a 3(1989)" in: *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu.

SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo c. "The Late Prehistory of Central Portugal: a first diachronic view", in: KATINA, T. Liliós, ed. *The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Iberia*, International Monographs in Prehistory.

SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo d. "Megalitismo, habitat e sociedades: a bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c. 5200-3000 BP)", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992.

SENNA-MARTINEZ, J.C. & AMARO, R.M. 1987a. "Orca do Outeiro do Rato" in: *Informação Arqueológica*, 8, Lisboa, pp. 99-101.

SENNA-MARTINEZ, J.C. & AMARO, R.M. 1987b. "Campaniforme tardio e inícios da Idade do Bronze na Orca do Outeiro do Rato, Lapa do Lobo: nota preliminar" in: *Da Pré-História à História: homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*, Editorial Delta, Lisboa, pp. 265-271.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; GUERRA, A. & FABIÃO, C. no prelo. "O Programa de Estudo Arqueológico da Bacia do Médio e Alto Mondego, PEABMAN" in: *Clio/Arqueologia*, 2.

SENNA-MARTINEZ, J.C. & VALERA, A.C. 1987. "A Orca de Pramelas" in: *Informação Arqueológica*, 8, Lisboa, pp.107-108.

SENNA-MARTINEZ, J.C. & VALERA, A.C. 1989. "A Orca de Pramelas, Canas de Senhorim" in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, Viseu, pp. 37-50.

SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. no prelo a. "A Orca dos Fiais da Telha: a campanha 2(1987)" in: *Informação Arqueológica*, 9, Lisboa.

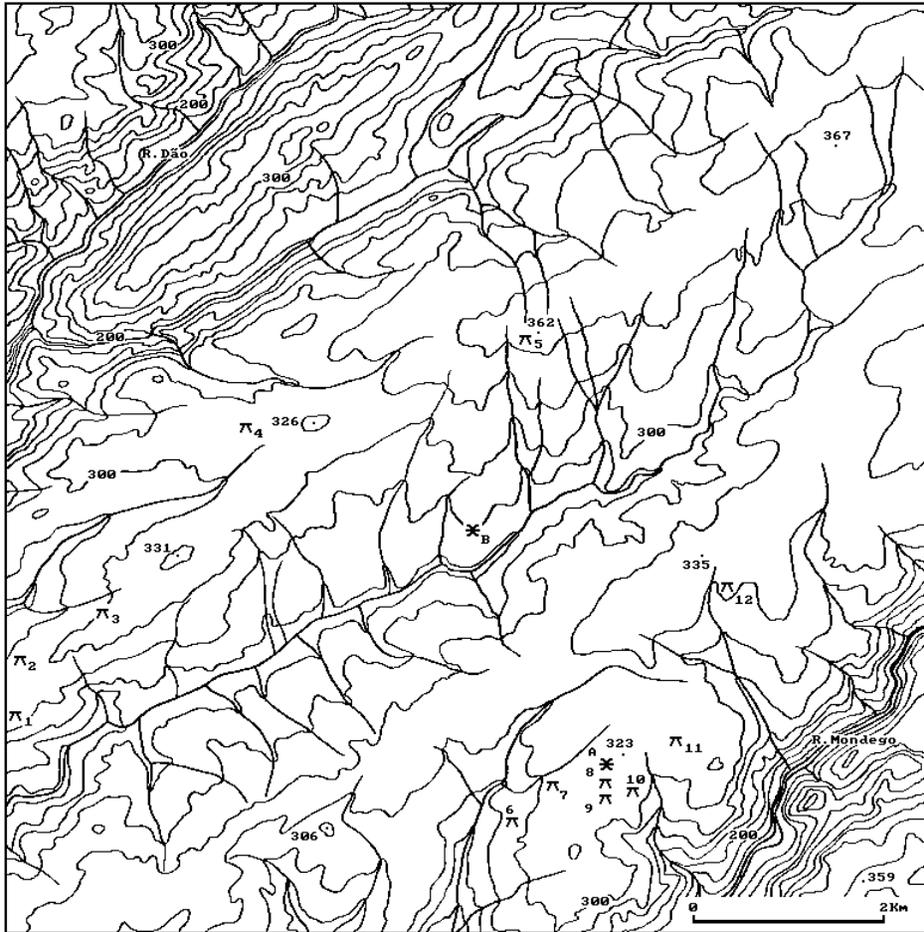
SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. no prelo b. "A Orca dos Fiais da Telha: a campanha 3(1988)" in: *Informação Arqueológica*, 10, Lisboa.

SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. no prelo c. "A Orca I do Ameal: a campanha 1(1989)" in: *Informação Arqueológica*, 11, Lisboa.

SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. no prelo d. "As pontas de projectil da Orca dos Fiais da Telha: uma tentativa de análise balística", in: *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu.

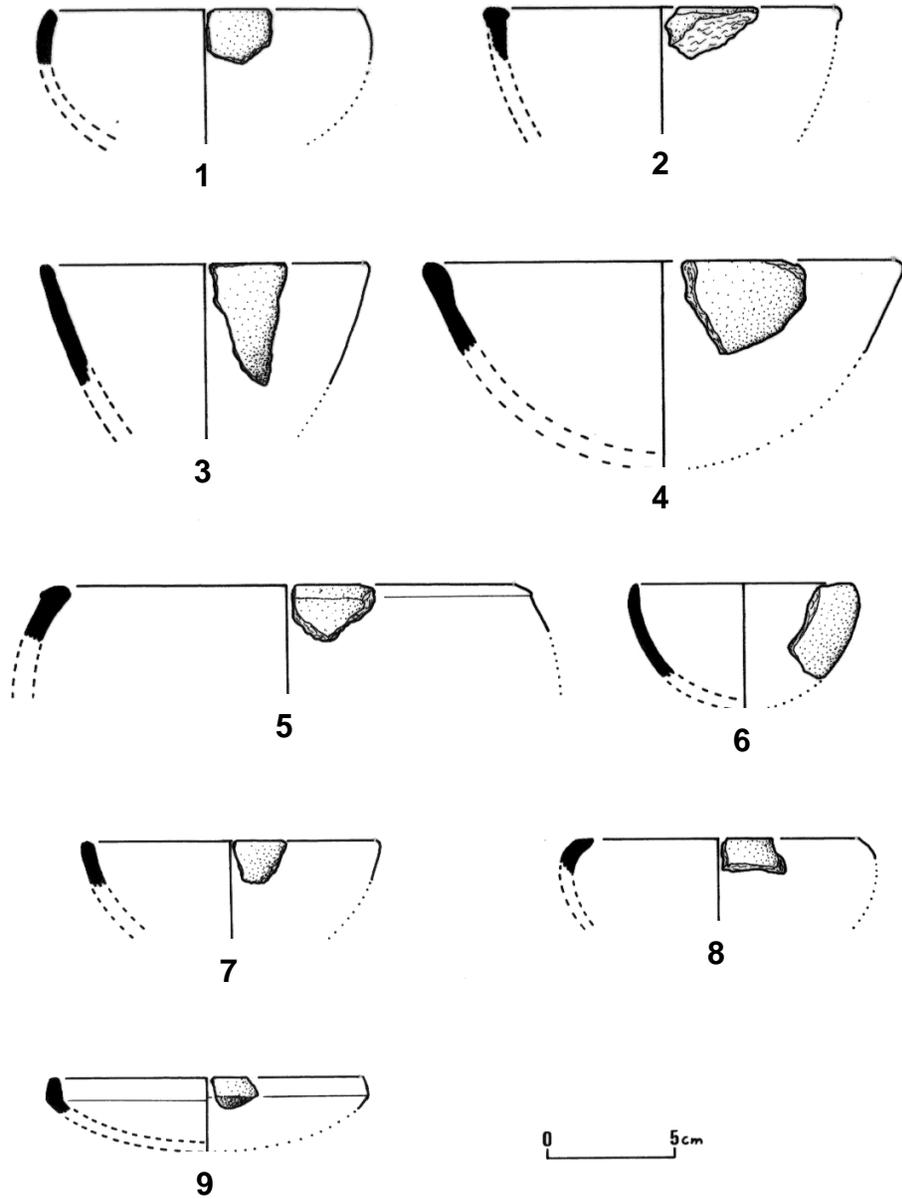
SENNA-MARTINEZ, J.C. & VENTURA, J.M. no prelo e. "A Orca de Santo Tisco: resultados preliminares", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992.

- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J.M. & DELGADO, P.M. 1987. "A Orca dos Fiais da Telha" in: *Informação Arqueológica*, 8, Lisboa, pp.101-103.
- SILVA, Fernando-Augusto 1989 "O megalitismo da bacia do Arda (concelho de Arouca) e o seu relacionamento com o meio físico: contribuição para o estabelecimento de um modelo explicativo locacional" in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp. 99-110.
- TEIXEIRA, C. et alii 1961. *Notícia explicativa da folha 17-C, Santa Comba Dão*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- TWOHIG, E.S. 1981. *The Megalitic Art of Western Europe*, Clarendon Press, Oxford.
- VENTURA, J.M. no prelo a. "A Orca 1 do Ameal: resultados preliminares da campanha 1(989)", in: *Actas II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu.
- VENTURA, J.M. no prelo b. "A Orca 1 do Ameal, Carregal do Sal, Viseu", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992.

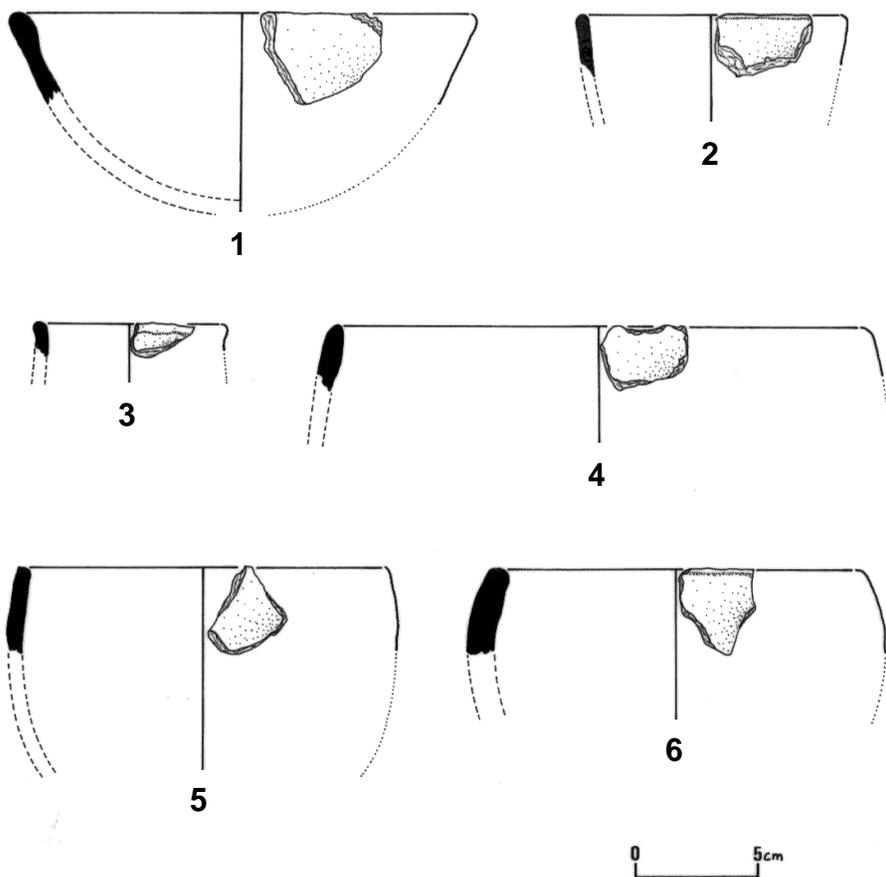


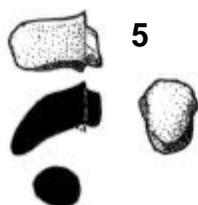
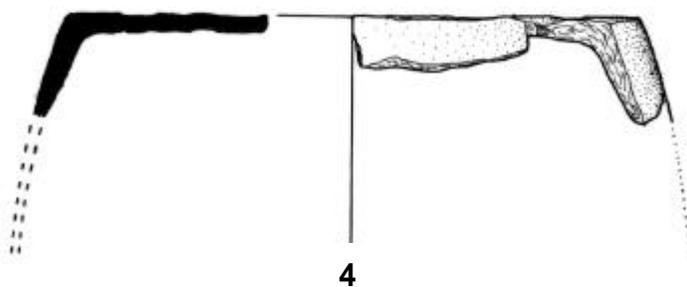
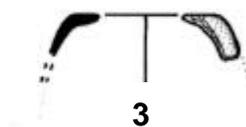
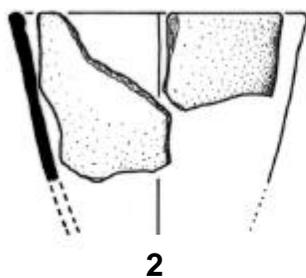
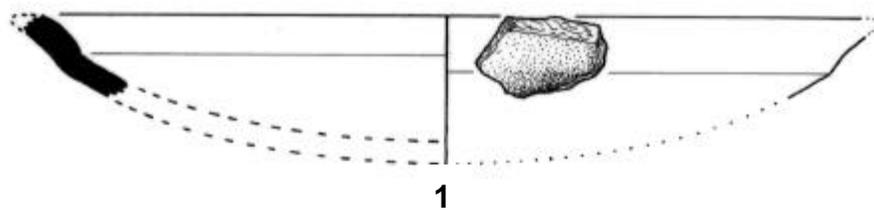
Habitats e Necrópoles Megalíticas, no Concelho de Carregal do Sal, Viseu: 1 - Orca de Valongo; 2 - Orca de Travanca; 3 - Orca de Santo Tisco; 4 - Orca 1 de Cabanas; 5 - Orca 2 de Cabanas; 6 - Orca 1 de Oliveira do Conde; 7 - Orca 2 de Oliveira do Conde; 8 - Orca 1 do Ameal; 9 - Orca 2 do Ameal; 10 - Orca dos Fiais da Telha; 11 - Orca do Santo; 12 - Orca do Outeiro do Rato; A - Habitat do Ameal-VI e B - Habitat das Barrocas.

Estampa II

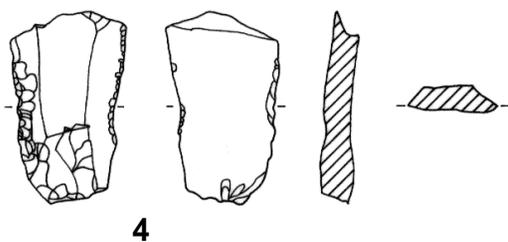
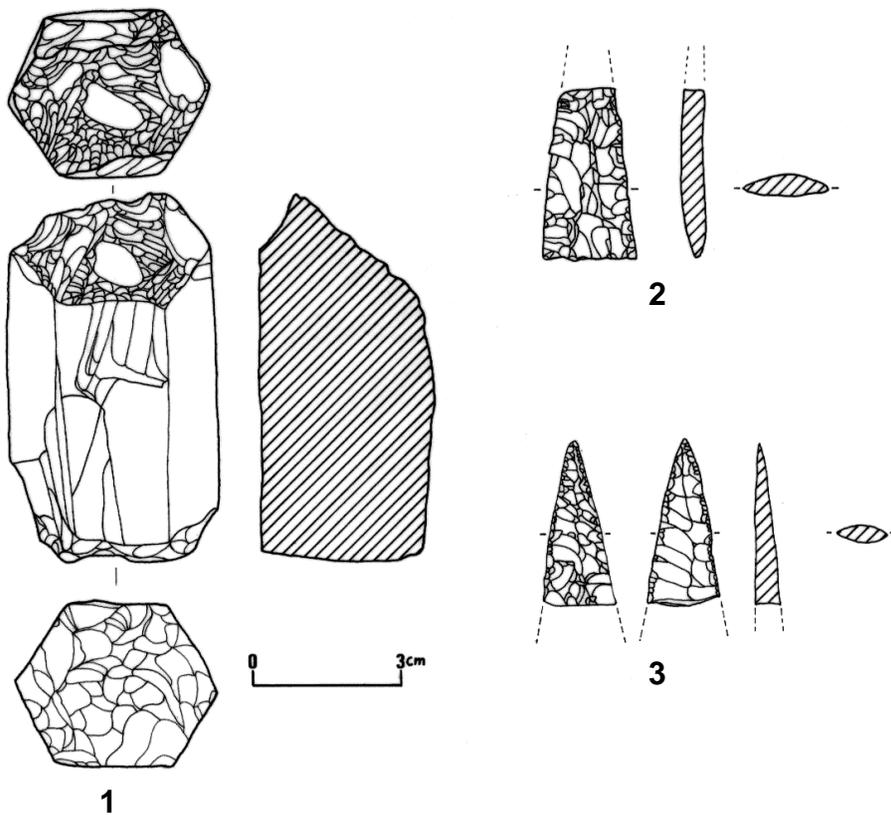


Olaria Manual da Orca de Travanca, Carregal do Sal, Viseu

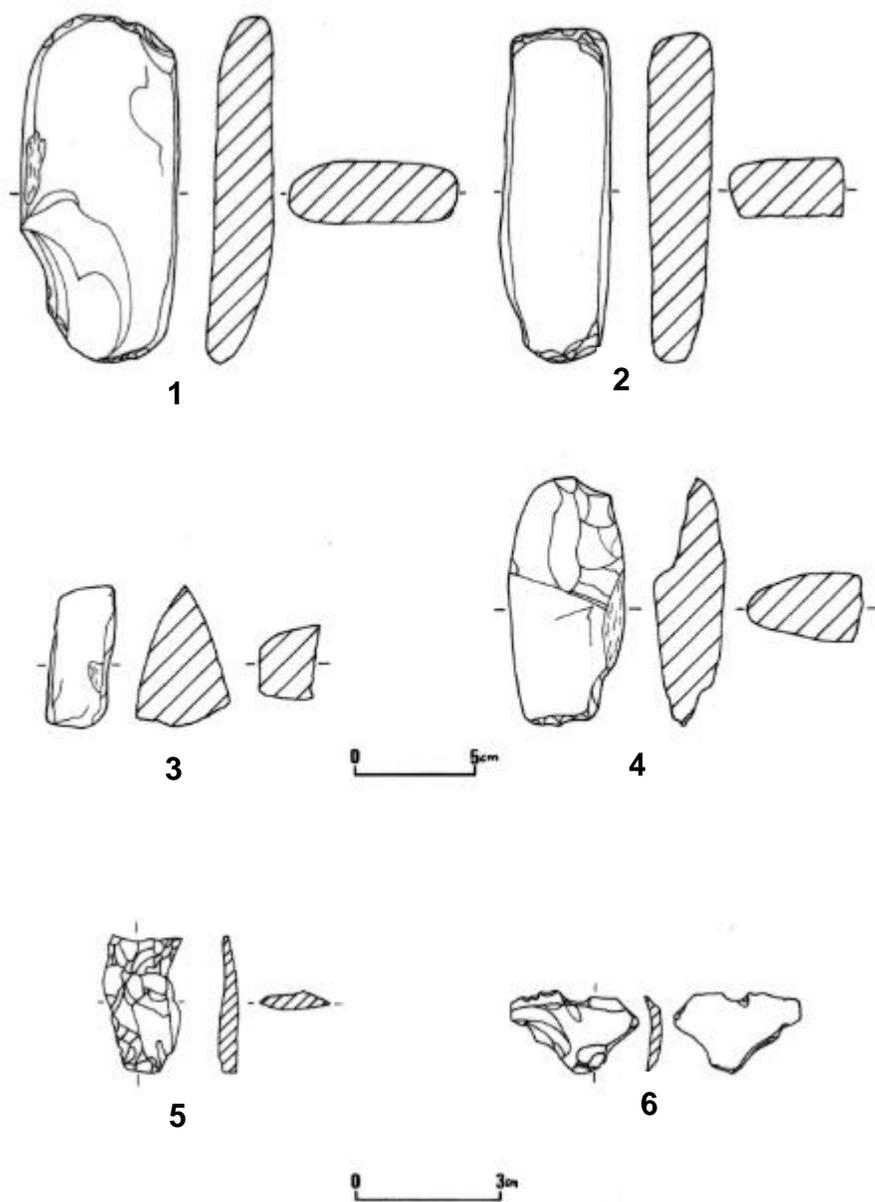




Olaria Manual da Orca de Travanca, Carregal do Sal, Viseu



Indústria lítica da Orca de Travanca



Indústria lítica da Orca de Travanca